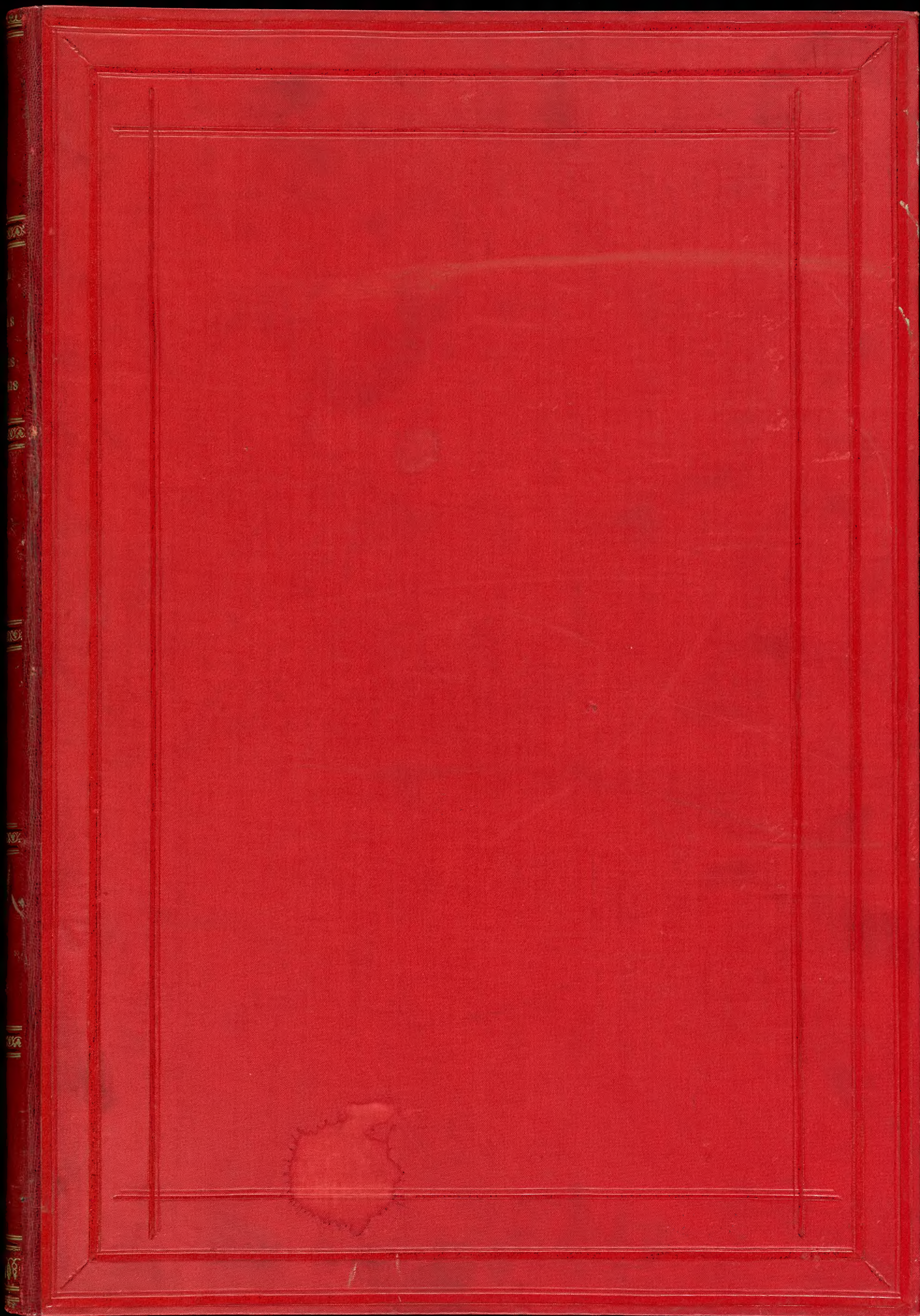
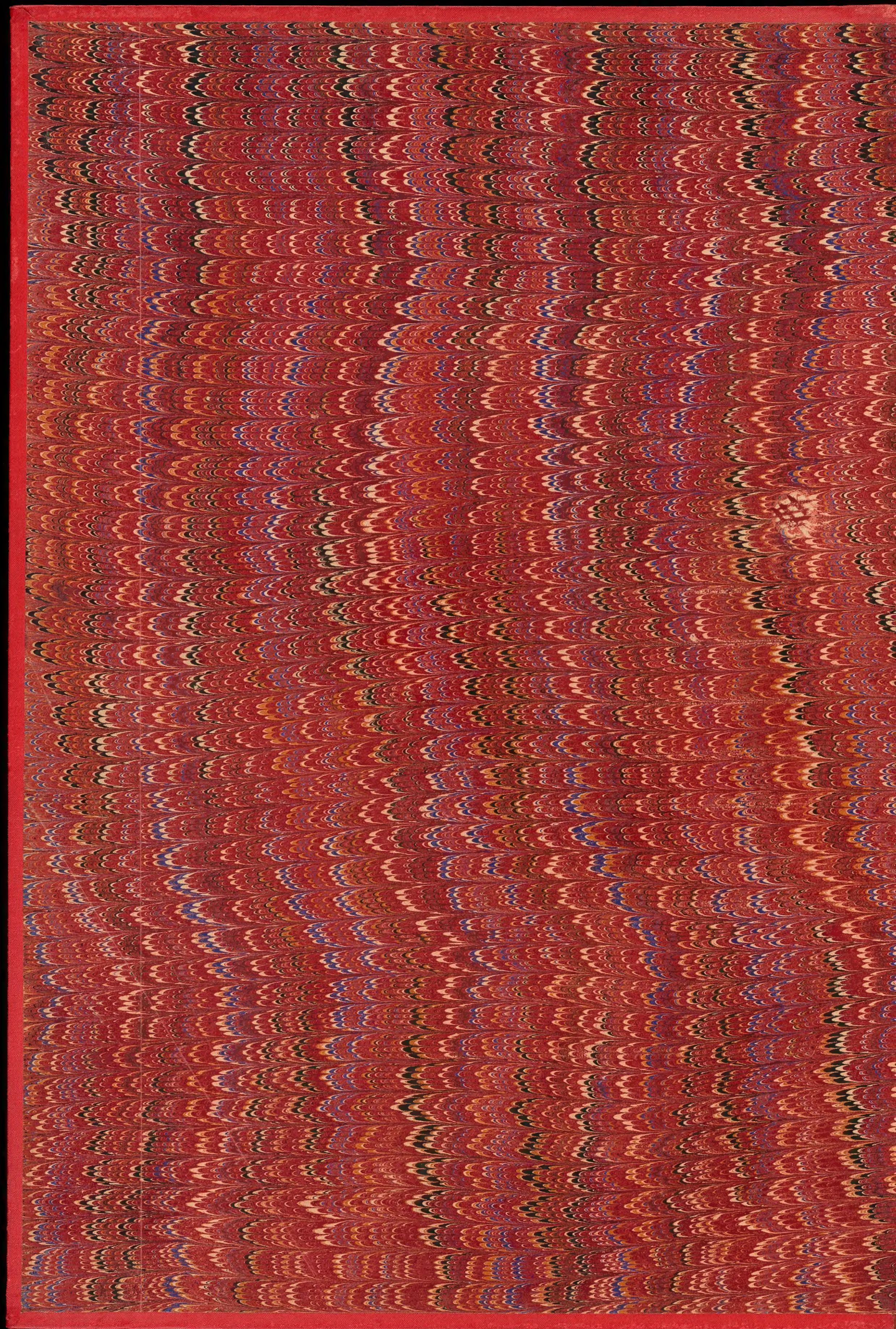
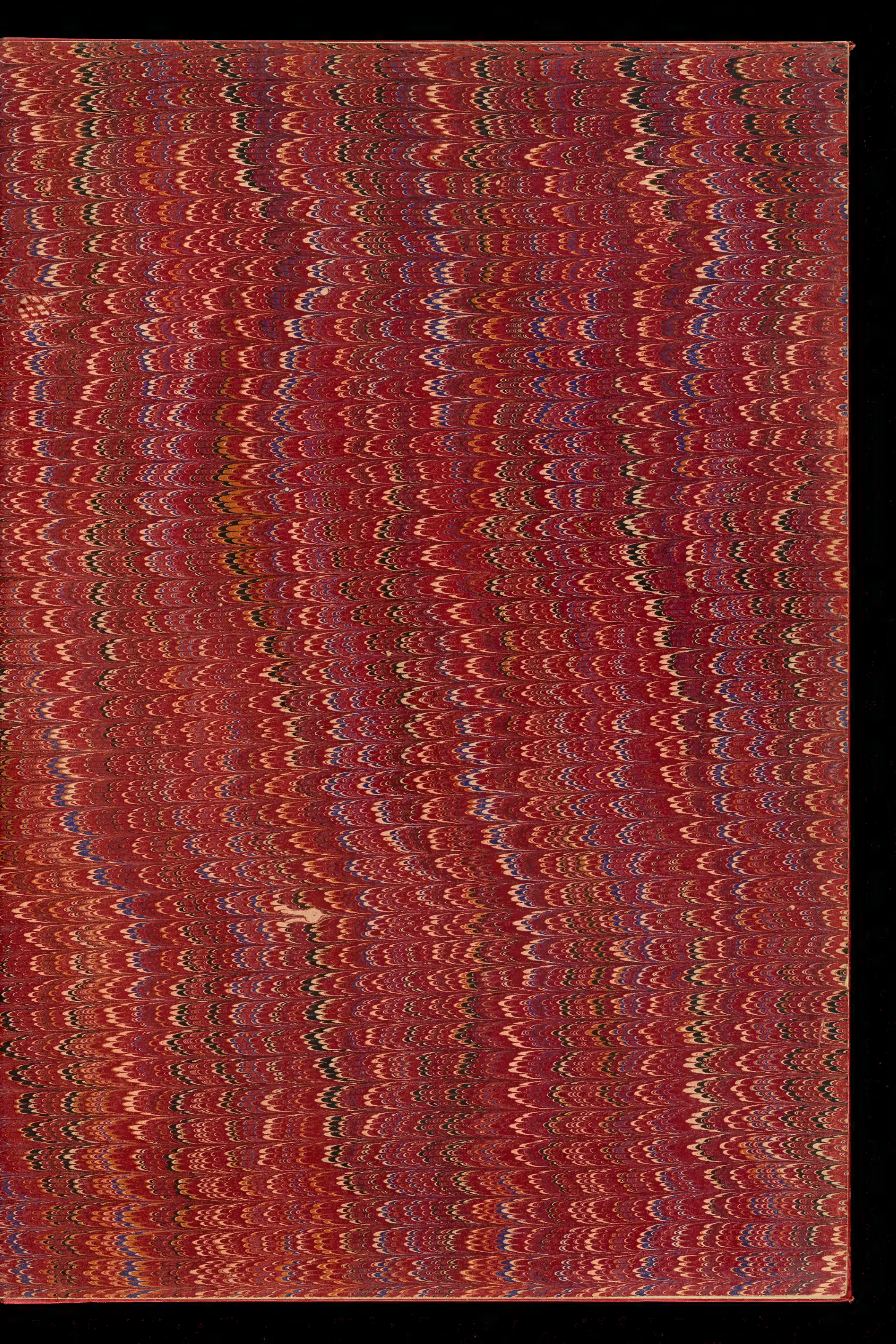






1889

ALBUM PHOTOTYPICO

E DESCRIPTIVO DAS OBRAS DE

SOARES DOS REIS

PRECEDIDO D'UM

PERFIL DO GRANDE ARTISTA

PELO

DR. ALVES MENDES

EDIÇÃO

DO

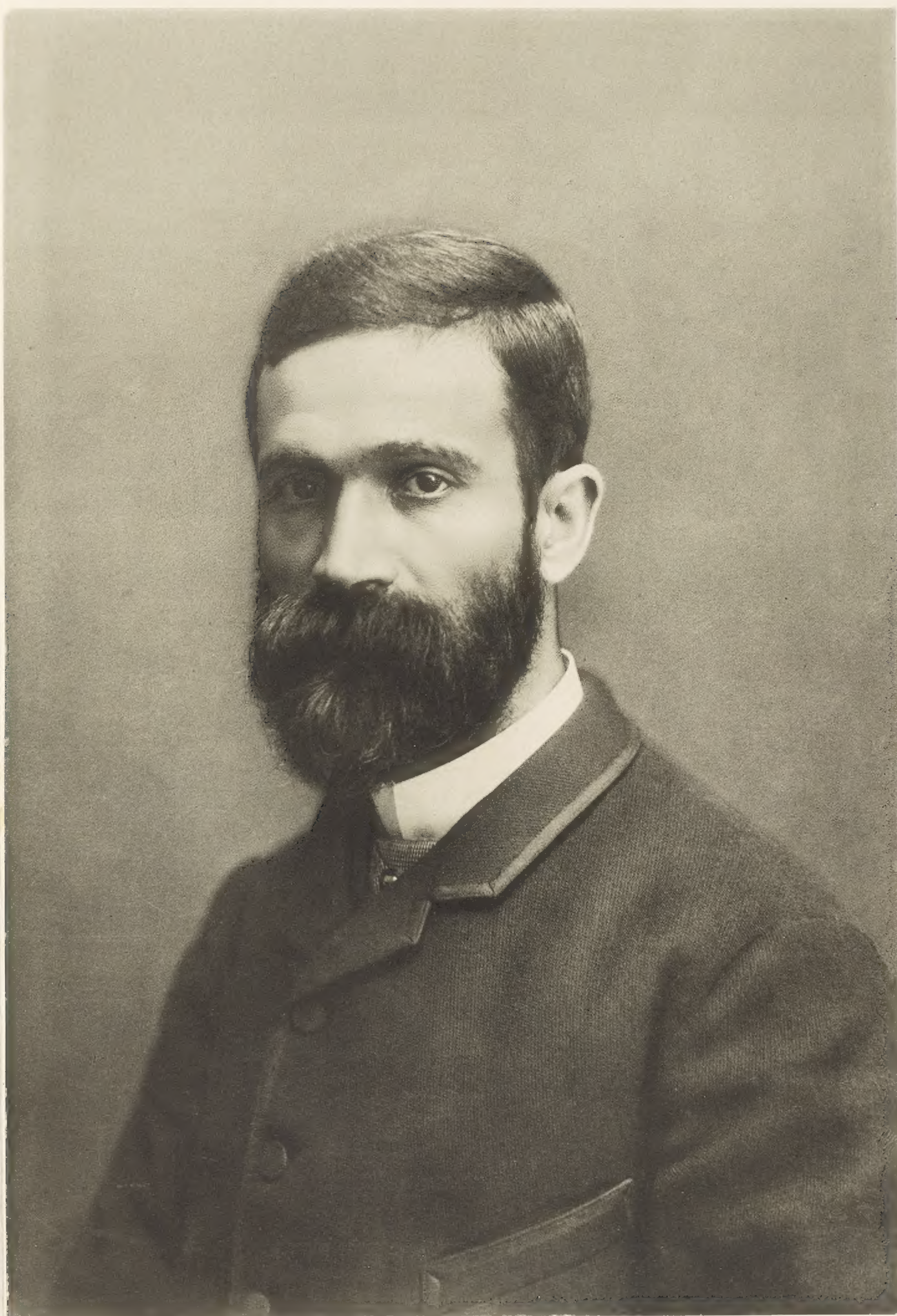
CENTRO ARTISTICO PORTUENSE



PORTO

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

MDCCCLXXXIX



ANTONIO SOARES DOS REIS

AO

GRANDE ESTATUARIO

HOMENAGEM

DO

CENTRO ARTISTICO

AO

ARTISTA DA PALAVRA

O DR. ALVES MENDES

AQUI CONSIGNAMOS A NOSSA GRATIDÃO,
AO AUXILIO TÃO BENEVOLO, COMO BRILHANTE, QUE NOS PRESTOU,
N'ESTE TRIBUTO DEVIDO
Á MEMORIA DO GLORIOSO EXTINCTO



(PERFIL)

ESTAS poucas linhas nem apresentam um estudo biographico, nem representam um juizo critico. Ao mesquinho auctor d'ellas, falta lazer para o primeiro e competencia para o segundo. É estranho a segredos estheticos: admira mais do que conhece: — tem culto pela Arte, porque tem o sentimento do Bello. Estas ligeiras palavras rememoram, em tom humilde, um benemerito; tracejam modestamente o perfil de um illustre que será sempre uma genuina gloria portugueza.

Antonio Soares dos Reis era mais que um grande artista, era um grande caracter. Eu o admirei e amei; presei-o muito e devi-lhe muito; quiz-lhe como a poucos, durante a vida, e acompanhei-o, como a nenhum, á sepultura. E junto do seu corpo inerte não proferi uma palavra. Fiquei com a voz presa e o coração petrificado. Toda aquella perda enorme, toda aquella immensa desgraça passaram-me pelo cerebro em uma tromba de fogo e adensaram-se-me nos olhos em uma nuvem de lagrimas.

. . . .

VIII

Vi, a primeira vez, Soares dos Reis na sua antiga officina, á rua de Malmerendas. Era em 1877. N'uma bella tarde de outomno, ahi o fui encontrar acercado dos seus inseparaveis — o abalisado jornalista Manoel Rodrigues e o habil esboçador Laurentino. Jámais se me varrerá da memoria aquelle momento feliz. Soares dos Reis, então na exuberancia da vida e na flor das illusões, estava todo embevecido em seus trabalhos artisticos. Tinha a um lado a famosa *Saudade* e o *Artista na Infancia* e tinha a outro lado o colossal *Conde de Ferreira*. No rosto do estatuario, naturalmente expressivo, flammejava uma animação intensa, uma vivacidade febril. O meu apparecimento brusco pouco o interrompeu: saudou-me gentilmente e proseguiu. N'aquelle instante, o genio incidia-lhe, dominador e magnifico, sobre o marmore do *Conde*. Nem leve ruga na fronte, nem leve hesitação no gesto: — movimentos rapidos, vistas certeiras, linhas segurissimas. O cinzel obedecia-lhe ao pulso, tão docil, tão prompto, como o pulso obedecia ao pensamento. Sob o poder da inspiração, diante da faisca da ideia, a pedra abria-se em lascas e o ferro desentranhava-se em sulcos — a pedra gemia e o ferro cantava. E o artista, erecto e solemne, com o olho acceso e a pupilla dilatada; o laureado artista, absolutamente indifferente a tudo que não fosse a sua obra, avançava déstro, avançava sempre. E eu, silencioso e extasiado, a perceber, a presentir como de um bloco informe póde arrancar-se uma figura vivente! Afinal, de subito, velou a estatua e entramos em conversa. E, desde então, fiquei sendo seu admirador fervente e seu verdadeiro amigo.

*
* *

Ramalho Ortigão chamou a Soares dos Reis um anti-rhetorico e um extra-litterario. É certo, muito certo. Mas eu não conheci ainda quem, sendo tão inferior, tão deficiente na plastica do pensamento, nas artes da palavra, fosse tão superior, tão abundante em modelações plasticas e intuições artisticas. Inventar uma fórma perfeita e aquecel-a de uma ideia brilhante e de um sentimento profundo, ninguem o fazia como elle. A graça delicada e a correcção austera, a linha harmoniosa e a proporção mathematica, o pannejamento esmerado e a cinzeladura primo-

rosa, a justeza de traço e a energia de córte, tudo transluz espontaneo, sincero, equilibrado, saliente, encantador, n'este florentissimo meridional, n'este artista de fina raça.

E prova-o victoriosamente, incomparavelmente o *Desterrado*. O atheniense, creador da estatua classica, não rebuscou modelos, remodelou-se a si. Esculpiu no Paros a figura humana como do barro damasceno Deus formára a organisação humana. De si proprio, e com o fragil auxilio de um canto de Carrara, extrahiu Soares dos Reis o *Desterrado*. Quem nunca sentiu aquillo, era incapaz de parturejar aquillo.

Quão formidavel é a condição do desterrado! quão tremenda e quão negra a ideia do desterro! Viver só em meio de muitos, fóra da patria e sem patria, ter lingua e não ter linguagem, ter companhia e não ter ninguem; ser ignota a estrella do ceu, molesta a influencia do clima, differente o gorgeio da ave e até outra a mesma flor; peregrinar sem termo e sem horisonte por entre o tedio dos homens e o tedio dos elementos; sentir o despreso e calar, a humilhação e emmudecer, quiçá a fome e a nudez e não pedir, ah! o desterro é a mais ferina das desgraças, a mais incomportavel e repungente das agonias, porque é a agonia do desamparo — um composto hybrido, indefinivel, horroroso de saudades, de privações, de desesperanças que tornam a cada instante mais penosa a situação do misero que não vê patria. Depois vem a lembrança do passado; vem o confronto brusco com as antigas branduras do ninho paterno; vem a rude comparação com o existir mimoso e suave de outro tempo, com o amor e o carinho que lá ficaram ao longe no dulcissimo ambiente do lar; — porque a memoria, terrivelmente fiel, avivando cada dia e cada hora tudo isto ao miserando desvalido, põe-lh'o como pesadêlo enorme sobre o coração e espreme-lhe d'elle as mais candentes lagrimas; flagella-o, prostra-o, esmaga-o aniquila-o, torna-o um ente impossivel, um idiota! Tombando de rocha em rocha, o desventurado encontra-se inexoravelmente sobre um abysmo; o seu corpo rasgado retorce-se alli n'um leito de espinhos; a sua alma ferida mede d'alli toda a altura da queda, chora d'alli a fortuna perdida; cerra os olhos e negaceia-lhe a imagem da patria, abre os olhos e açouta-o a imagem do deserto! Haverá martyrio mais insupportavel, sorte mais impiedosa, vida mais afflictiva?

X

E isto, e tudo isto é o *Desterrado* de Soares dos Reis. O genio estampa-se indelevel e palpita inteiro nas suas obras. Quando em Florença Miguel Angelo presentiu a morte da liberdade e o advento da tyrannia, cinzelou a *Noite* e distendeu-a sobre um sepulchro. Quando em Roma Soares dos Reis sentiu a ausencia da patria e o travôr da nostalgia, pegou do cinzel e esculpiu o *Desterrado*.

Aquella figura gentil melancolicamente assentada sobre um rochedo maritimo; aquella desolada figura que assim se dobra aos repellões da tristeza; aquella tragica figura que crystallisa toda a sua alma n'uma lagrima e deixa caír essa lagrima sobre as ondas; é... elle proprio — o mesmissimo artista transmutado no marmore vivo de uma estatua. Não é um symbolo aquillo, é um retrato. Phidias não o teria feito melhor.

Estranho abalo, electrico abalo experimento eu sempre ao contemplar esta esculptura sublime — a primeira das esculpturas portuguezas; e, quando a contemplo, resoam-me intensamente ao ouvido aquelles versos de Herculano que trasladam, em jorros de luz, a divina creação do *Desterrado*:

.... aos olhos turvos
Não sentida uma lagrima fugiu-me,
E devorou-a o mar. A vaga incerta,
Que róla livre, peregrina eterna,
Mais que os homens piedosa, irá depol-a,
Minha terra natal, nas praias tuas.
Essa lagrima acceita: é quanto póde
Do desterro enviar-te um pobre filho.
....

* * *

A essencia, a dignidade e a gloria da arte está n'isto: ser ella, antes de tudo e acima de tudo, uma vestidura; ser sempre, e em todas as suas espheras, o signal esplendido do pensamento, a fórma lucida da ideia. O maior triumpho artistico impende da maior transparencia da

ideia atravez do signal mais harmonioso, da fórma mais bella — parta d'onde partir esta fórma e seja qual fôr esse signal: pedra, metal ou madeira, côr ou som.

É verdade que este signal não póde supprimir-se nem despresar-se. É certo que esta fórma é soberana; mas não é soberana por si mesma, é soberana pela soberania da ideia. A fórma independente, a fórma como fim, é absurda; — porque a fórma não vive por si, nem por si tem direito a constituir arte. E todo o artista que só se preoccupa da fórma, só se fixa na fórma, só busca o prestigio da fórma para seduzir e fazer effeito, separadamente do prestigio da ideia, é um falso artista, um estragador da arte.

A materia ha-de estar sempre ao serviço do espirito. Em assumptos d'arte, nas obras d'arte, se o genio cria a fórma e faz victoriar a fórma, é para concretisar a ideia e fazer victoriar a ideia. E quem sae d'isto arrisca, abastarda e perde desatinadamente a arte, precipitando-a nas voragens do idealismo ou nos tremedaes do realismo.

A arte é uma correcta e alta consonancia entre o realismo e o idealismo; é um consorcio indissoluvel da idealidade e da natureza; é a natureza banhada e transfigurada pelos reflexos do ideal e o ideal incarnado e reflectido em um typo da natureza. A missão do genio artistico é combinar e fundir n'uma só peça o cobre do real com o ouro do ideal. Fóra d'este processo, em vão se obterá uma austera obra d'arte, uma obra verdadeiramente esthetica.

O real, e só o real, apaga inteiramente a razão da arte — porque a cópia do real, a reproducção do real, equivale á photographia da natureza. Ora a photographia, a mais aperfeiçoada photographia, dá a imagem opaca e incompleta, desconhece as colorações, carece de retoques e, se não é refractaria ás cambiantes da luz, é impotentissima ás tonalidades da ideia. Portanto, a cópia servil do real, a imitação estreme do real, destroe pela raiz a sublimidade da arte; visto que desapparece por completo o interprete, o mediador psychologico entre o instrumento representante e o objecto representado — o estro, o senso do artista. Aquella phrase — *Ubi amor, ibi anima* — deve traduzir-se: onde está a alma, ahi está a arte. De contrario a obra artistica é um producto de reles arti-

ficio, um fabrico de cego mecanismo; fica reduzida a um mero contacto material, a uma simples habilidade de dedos.

Por outro lado, o ideal, e só o ideal, é uma abstracção vaga e fria, um fugaz illuminismo intangivel, relampago, sonho, nuvem, nada. Em summa, o ideal sem o real seria alma sem corpo — uma ficção; o real sem o ideal seria corpo sem alma — um cadaver.

Que admiravel conhecimento do ideal classico revela o talento que concebeu e o pulso que executou a *Saudade!* Que força creadora tão poderosa e que paixão pela realidade tão grande manifesta o privilegiado artista — platonico e plastico ao mesmo tempo — quando assim, em linhas tão grandiosas e em contornos tão esveltos, aprisiona e concretisa a ideia que lhe cruzou pelo cerebro, e a exhibe aos nossos olhos, pura, quente, expressiva, seductora, scintillante de inspiração e de vida!

Como se sabe, a esculptura é rigorosamente classica. Essa identificação pasmosa entre fórma e fundo, essa maravilhosa irradiação do espirito atravez da materia attingiu o seu maximo esplendor, irrompeu e tocou o seu zenith na Italia e na Grecia — principalmente na Grecia. A antiguidade, a culta e rica antiguidade, é essencialmente e primacialmente esculptorica. Os cinzeis hellenicos, sobre todos, realisaram a expressão absoluta do organismo humano, do corpo humano — a obra mais perfeita da natureza. A estatua grega é o exemplar soberano, archetypico, da formosura plastica.

Mas a esculptura, que é de si uma physiologia, não póde entrar muito pelos dominios da psychologia. Isso pertence a outra esphera da arte, a outro meio menos palpavel, menos inflexivel, e mais espiritual, mais amplo e mais complexo — a pintura.

Em seus profundos livros estheticos diz Hegel que a esculptura é a arte classica por excellencia e a pintura a arte por excellencia christã. E diz optimamente. Ainda pondo de parte os paineis dos grandes mestres da Hellade desde Polygnoto até Apelles, passando por Apollodoro, Parrhasio e Zeuxis,—os memoraveis frescos de Herculanum e Pompeia e as figuras do palacio augustal do Palatino demonstram, a todas as luzes, o quanto na antiguidade o esculptorico e o pictorico se acercam e convi-

sinham. As linhas d'aquelles frescos parecem as mesmas linhas dos relevos; as figuras pintadas são quasi as mesmas figuras esculpidas: a distancia é insignificante, a semelhança perfeita.

Á serenidade olympica dos marmores e bronzes antigos sobrepoz-se a idealidade immensa das telas e taboas modernas. O cinzel pagão vitalisou os deuses e os heroes, muito bem equilibrados em suas faculdades. A harmonia era facil, porque o scenario era breve e o meio restrictissimo. Porém, este espirito moderno, tão intenso e tão complexo, com as suas inspirações enormes e as suas aspirações frementes, mais desproporcionado, mais fortalecido, mais maduro e pujante, se quiz reverberar, se quiz altear-se e transcender, valeu-se especialmente da paleta e inventou esses matizes vivissimos, creou esses esmaltes eternos que formam a epopeia visivel e tangivel do evolucionismo catholico, do christianismo triumphante.

Por isso o mundo antigo não conseguiu dar um Raphael e o mundo moderno não foi capaz ainda de dar um Phidias. Phidias pôde talhar no Penthelico os deuses de Homero. Miguel Angelo arrojou o escopro omnipotente e empunhou o pincel, quando na Sixtina quiz evocar as figuras do Dante. É que a esculptura visa typicamente ao corpo e a pintura visa typicamente á alma — aquelle limitado, esta infinita.

Nos seculos medievos todas as artes cresceram, e cresceram avantajadamente: architectura, pintura, musica, poesia. Só a esculptura ficou immovel, rigida, definhada. Depois veio a Renascença; mas a Renascença, que deu valor e vida á esculptura, não lhe deu mais belleza; e todo aquelle que, ainda hoje, aspirar a egregio nas fórmas determinadas e materiaes da esculptura, tem que acingir-se fatalmente ás leis eternas e aos exemplos immortaes do genio classico.

Não quer isto dizer que se imite servilmente, glacialmente o antigo. Não; toda a cópia é um reflexo e todo o reflexo inferiorissimo ao proprio brilho. Quer dizer, sim, que se estude, que se interprete o genio-typo da Arte; e que sem perder a individualidade nativa, a tempera nativa, se assimile, se beba, n'aquellas fontes purissimas, o fundo das melhores inspirações.

Tal o merito de Soares dos Reis — do talento gigante que parecia

destinado a brindar esta pobre terra com uma grande escóla de esculptura. Elle, nas suas projecções arrojadas e nas suas labutações ingentes, não recopiou nem amaneirou um mundo: resuscitou-o. Era um moderno com toda a originalidade de um grego e era um grego com toda a superioridade de um moderno. Absorto nas fecundas tradições artisticas, mas sempre distanciado de frias convenções academicas; esquivando abastardados processos rotineiros que só têm a paciencia como arte e a imitação como esthetica; não transpondo nunca a propria esphera, não pretendendo nunca pelos meios esculptoricos vingar a expressão pictorica; sem recorrer á violencia e sem descambar na extravagancia; extremo idealista com as suas qualidades ingenitas e extremo realista com as suas feições culminantes; todas as suas figuras mostram o timbre natural e o nimbo da inspiração; foram todas forjadas pelo genio e saíram todas da natureza; — são seres reaes, objectivos, viventes, physiologicamente exactos e psychologicamente verdadeiros; todos rutilantes de grandes pensamentos e desbordantes de grandes paixões; todos illuminados, aquecidos, candentes no ether e na flamma do ideal.

Sirva de exemplo a castissima *Saudade*. N'esta pedra feita carne e n'esta carne feita seducção; em tamanha ligeireza de roupagens, n'uma quasi desnudez: — nem linhas atrevidas, nem fórmas voluptuosas, nem contornos exaggerados. Genialmente sublime! Aquella formosura deliciosa; aquelle vulto de uma melancolia ineffavel e de uma suavidade infinita; a severidade d'aquella compostura e a pureza d'aquella elegancia; a fixidez d'aquelles olhos e a graça d'aquelle rosto; aquellas mãos apostadas como que a estrangular uma dor, e aquella cabeça pendida como que a condensar uma alma; todo este harmonioso conjuncto, toda esta gentileza adoravel, em que o marmore palpita e o sentimento lampeja, tornam a *Saudade* de Soares dos Reis digna rival da Venus de Milo, e corporisam, n'essa estatua portentosa, a significação d'esta poesia unica:

Saudade! gôsto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,
Que me estás repassando o intimo peito
Com dor que os seios d'alma dilacera,
—Mas dor que tem prazeres—Saudade!

XV

E, se a *Saudade* é um primor, o *Artista na Infancia* é o primor dos primores. Esta esculptura, sómente, bastaria a celebrisar e a immortalisar Soares dos Reis. Nunca se concebeu e nunca se exteriorisou mais bello symbolo da Arte — da preciosa e transluzentissima arte, casta, crystallina, ductil, espontanea como a natureza e maviosa como a innocencia. Reproduzem-se e refinam, n'esta estatua, toda aquella sobriedade magistral, toda aquella candura primitiva, toda aquella delicadeza de expressão e profundidade de criterio que brazonam e caracterisam as obras triumphaes e o alto individualismo de Soares dos Reis.

O *Artista na Infancia* é a manifestação nitida, a perfeição excelsa, a concretisação adoravel da belleza esthetica. Quem, ao vêr tal maravilha, não estaca impressionado diante d'ella, renuncie por completo a comprehender e a sentir a verdadeira arte.

O grande estatuario estivera em Paris e em Roma, visitára os museus mais opulentos, estudára os modelos mais celebres e praticára com os mestres mais insignes. Conhecia, como poucos, os maiores mananciaes da inspiração e possuia a valer os melhores thesouros da historia. E, assim, ao querer symbolisar a vocação artistica, podia facilmente eleger, podia muito bem aproveitar uma figura mais ou menos convencional, um molde mais ou menos preconcebido.

Pois não fez nada d'isto. Refractario ao jugo academico, avesso á mais ligeira imitação servil, Soares dos Reis encontrou o seu symbolo, encarnou o seu ideal na ingenua simplicidade e nas fórmas virginaes de uma criança. Surprehendente creação! se a natureza lh'a não déra, tão animada e tão louçã, dir-se-hia que lhe surgira da cabeça como a Minerva da cabeça de Jupiter ou a Cytherêa da espuma do mar. Aquillo é bom de lei! — é bello e nativo, como o brilho do astro, como o canto da ave, como o aroma da flor. Alli scintilla a arte, porque alli scintilla a inspiração. Na sciencia a meditação é muito, na arte a inspiração é tudo.

A sciencia caminha lenta como a comparação laboriosa e o raciocinio compassado; a arte fulge rapida como a intuição genial e a palavra creadora. *E Deus disse: Faça-se a luz, e fez-se a luz* — eis a grande imagem da Arte.

A arte é a verdade soberana revelada pela fórma soberana. E como a verdade é a realidade, e o ideal é tambem real, quanto mais realidade e mais idealidade contiver a obra d'arte, tanto mais perfeita e mais artistica será. A arte será sempre a equação entre o ideal e o real.

Aquella encantadora creança, trabalhada a preceito pelo estatuario; aquella creança nua, forte, sã, de tanta expressão e tanta anatomia, transpira por todos os póros, transuda por todos os contornos, irradia de todos os relevos os ideaes e os primores artisticos.

Brincam e sorriem n'este bello marmore as esplendidezas pagãs e os espiritos hellenicos. Tem a carnalidade de Scopas, a suavidade de Phidias, a graça de Polycleto, a vida de Lysippo e de Praxiteles. Traslada livremente, exuberantemente, irresistivelmente a Arte.

Aquelle vulto immovel tornou-se um ente animado; aquelle pedaço de marmore transformou-se n'um organismo vivente.

Assentada n'uma pedra tosca, tendo um ponteiro de louza na mão direita e apoiando-se na esquerda, a creança inclina-se graciosamente e, com pasmosa naturalidade, garatuja os seus ensaios sobre a face do assento.

N'este singelo involtorio ha uma organisação que ferve e uma vocação que desabrocha. Os pés movimentam-se, os joelhos dobram-se, a cintura requebra-se, o peito respira, o coração palpita, o sangue circúla, as fibras pulsam, os musculos arfam, as veias resaltam, a cabeça estúa, a mão gira, os olhos fitam, os labios riem, vibram, cantam. Alli purpureja o clarão d'uma aurora e o despontar d'um sol. D'aquella planta humana vae desabotoar-se a flor da Arte. D'aquella larva mysteriosa vae desprender-se o genio altivo, o poder magico, que deslumbrará o mundo com a enormidade do seu brilho, que avassallará o mundo com as suas obras immortaes.

A mesma impressão que nos desperta esta obra prima, continua-se na magestosa, na contornada, na solemnissima estatua de Brotero. Poucos homens mereceram tanto a honra de ser esculpidos como o celebre naturalista. Poucos talentos, uteis e creadores, consagraram padrões mais gloriosos nas provincias do saber. Provou-se um benemerito eleito—um estudioso, um perseverante, um erudito consummado. Sua vida foi o sacerdocio activo e prestimoso da sciencia; seu nome ficou sendo a letra inicial da botanica portugueza.

Espirito levantado, observador penetrante, trabalhador infatigavel, caracter exemplarissimo, Felix d'Avellar Brotero—o laureado da universidade de Reims e o cathedratico da universidade de Coimbra, o preclaro auctor da *Flora Lusitanica* e o amigo dilecto de Cuvier e de Filinto, -representa entre nós como nenhum outro contemporaneo, e representa nobremente, esse ramo de sciencias naturaes que com tanto brilho professou.

Soares dos Reis comprehendeu superiormente o assumpto, e sahiu-lhe lucilantissimo no marmore. A nuto do esculptor eminente surge rediviva a figura do grande sabio—figura attrahente e sympathica, serena e insinuante, graciosa e bella. O venerando Brotero, o diserto e cultissimo Brotero exhibe-se gravemente sentado e como que presidindo aos solemnes actos academicos. Veste habitos talares e ostenta as insignias doutoraes. Alvejam-lhe os cabellos ao gear dos annos e pende-lhe a cabeça ao peso das ideias. Nas rugas da fronte assignalam-se os sulcos do pensamento e na linha dos labios debuxa-se a expressão da franqueza. Sob o ondear da capa, os recamos do capello e o bem lançado das pregarias, o peito arqueja e as carnes palpitam. Ha vida reflexiva, concentração profunda, verdade enorme; ha toque escolar, tom academico, ar universitario, physionomia caracteristica, typicas feições, n'esta preciosa estatua executada á maravilha por uma arte rasgadamente observadora, realista. Soberba interpretação! os classicos esculptores antigos cinzelavam assim os immortaes. Aquelle vulto soberano, aquelle vulto glorioso, a dominar com toda a sua grandeza o *Jardim Botanico* de Coimbra, não é sómente um retrato, é uma apotheose.

De tal maneira, tão surprehendente e tão sublime, versava Soares dos Reis a Arte. E porque tanto prestigio? Qual a causa d'esta fascinação intensa, d'esta attracção irresistivel que nos prende ao excelso esculptor? A causa é a sua ingenita intuição, a sua propria originalidade. É essa destreza summa e finissima delicadeza com que elle singularmente doura e transfigura tudo quanto toca — o real na sua fórma mais pinturesca e o imaginativo na sua expressão mais formosa. Além de um rico cinzel maravilhoso a produzir-lhe as delicias do sentido, tinha elle um valente telescopio espiritual a magnificar-lhe o que está longe da visão. Corria-lhe pelo cerebro a faisca dos grandes artistas — essa impalpavel e divina essencia que evolutíra a elegante nobreza de Raphael, a tremenda magestade de Buonaroti, a correcção suavissima de Vinci, a graça exquisita de Correggio e a maviosa belleza de Murillo; — porque, n'esse cerebro potente, ardia e relampagueava uma cousa, sem a qual não ha artistas nem arte — o genio.

Mas prolongo-me demasiadamente. Urge terminar. É pouco, é insufficiente quanto possa escrever-se dos dotes extraordinarios e dos trabalhos esculpturaes de Soares dos Reis. E, por parte do auctor d'estas linhas, bisonho e incompetentissimo em taes assumptos, seria até um attentado de lesa-esthetica pretender aferir-lhes com palavras o merito e o louvor. Esses copiosos trabalhos mal se descrevem, sentem-se. Cumpre vel-os, revel-os, medital-os, admiral-os.

Trabalhos em marmore, em granito, em bronze e em madeira; estatuas, bustos, medalhões e relevos; tudo — desde o *Affonso Henriques* e o *Conde de Ferreira* até ao *Marquez do Herval*, *Pinto Bessa*, *Almada* e *Hintze*, desde o *S. José* e *S. Joaquim* até á *Virgem Dolorosa* e *Christo Crucificado*, e desde a notavel *Morte de Adonis* — primicia d'aquelle talento — até ao magnifico retrato de *Fontes* — testemunha d'aquella catastrophe —; tudo isto, — que pagina brilhante no poema das nossas artes,

que tersa e rara collecção, que especiosa e alta galeria! Porque, diga-se abertamente, accentuadamente, —esses trabalhos magistraes não crystallisam apenas uma verdadeira gloria, estampam e pompeiam uma verdadeira epocha.

E este artista que assim rivalisa em estro com os artistas da Grecia; este homem que assim iguala em caracter os homens de Plutarcho; este professor que assim dignifica toda uma Academia e este cidadão que assim enaltece todo um paiz; este operario indefesso e este mestre incomparavel; este compatriota illustre e este amigo distinctissimo; este marido e este pae, n'uma hora de desalento, n'um momento sinistro, n'um triz, furta-se, frustra-se ás seducções da arte, ás edificações da moral, ás exemplificações do trabalho, ás admirações dos seus e ás homenagens dos estranhos, aos amigos desolados e aos filhinhos innocentes, irreparavelmente, negramente, fatalmente!...

Grande Morto, foste victima da tua grandeza! Quizeste esconder o laurel do genio sob a palma do martyrio; mas, acima d'estes dois symbolos indeleveis, refulge outro symbolo immortal—refulge uma corôa de gloria. E esta, que tens segura nos tribunaes humanos, não te seria denegada no tribunal de Deus. Tu o confessaste sempre, e esta confissão escreveste na hora extrema. Elle te acolheria dôce e te rediria clementissimo: «Perdôo-te muito, *porque amaste muito...*»

Porto—1889.

TRAÇOS
BIOGRAPHICOS





(O HOMEM E O ARTISTA)

 PRIMEIRA vez que conheci Soares dos Reis foi em 1872, quando não havia muito ainda regressára de Roma, de concluir os seus estudos.

Dava elle então os ultimos retoques na magnifica estatua o *Desterrado*, destinada a Academia de Bellas Artes e que constituia a derradeira prova da sua applicação no estrangeiro, como pensionario do governo.

Foi no muzeu de S. Lazaro, na algidez d'aquelle lagedo monastico, encerrado em um grotesco tapamento de madeira e quasi tiritando sob a humidade que resaltava da parede ennegrecida pelas infiltrações da chuva, que o encontrei todo entregue ao seu trabalho, o busto envolto em uma longa blusa branca e a cabeça simplesmente coberta com um gorro de papel.

Não me impressionou nada, ao primeiro relance, aquella figura erecta e rigida de homem, em que o sentimento do artista e o genio do estatuario apenas se presentiam de longe em longe nos fulgores rapidos do seu olhar de uma fixidez clara e intensa

Soares dos Reis não era physicamente o que costuma chamar-se um bello homem. Pelo contrario.

Alto e magro, a physionomia apresentava além d'isso os traços de uma rudeza que mais se accentuava com o negrume retinto da sua comprida barba rija e compacta. Ninguem ao vel-o presentiria n'aquelle typo vulgar a intelligencia superior de um grande artista de coração

Era necessario tratal-o, ouvil-o falar com um enthusiasmo e uma convicção profundas em questões varias da arte, era indispensavel escutar-lhe as opiniões e admirar-lhe a justeza do criterio para se conhecer então quanto brilho havia n'aquelle espirito, quanto sentimento se occultava n'aquella alma boa e honesta.

Soares dos Reis vivia só da arte e para a arte, e a sua modestia era tão grande como o seu talento.

Educado nos limites muito restrictos de uma mediania burgueza, contrariado nas suas primeiras aspirações por uma ma vontade manifesta por parte de quem melhor do que ninguem devia animar-lhe a vocação, o seu futuro havia de resentir-se sem duvida d'esse afastamento social em que se lhe desenvolveram as faculdades, tornando-o não um misantropo em toda a latitude do termo, mas um isolado, um quasi solitario, em que a descrença e uma philosophia demasiado pessimista tinham fatalmente de aggravar as tendencias naturaes de um genio rispido e exaltado.

Foi laboriosa e até lancinante a formação d'aquelle genio. Por vezes, a lucta que travára com o colosso que o devia por fim empolgar, teve-o succumbido. Um dia porém a luz fez-se clara no espirito obsecado por erros de visualidade de uma escóla erronea, e o grande artista começou então a surgir com a espontaneidade de um brilhantismo excepcional.



(Esquisso inedito)

No grande meio intellectual em que Soares dos Reis se creou e se completou, adquiriu elle, além da sciencia technica do seu mister, conhecimentos e opiniões que o deviam tornar um homem de conselho recto e de sã doutrina.

Era assim que a exasperação tocava n'elle o cumulo, quando, afincado a uma ideia sua, via combaterem-lh'a razões que o não convenciam.

Então é que se presentia na irritação do seu espirito exaltado todo o azedume da descrença, que cada vez mais se revigorava na sua alma perante a ignorancia de uns, a descrença de outros e a indifferença de muitos.

Os assumptos de arte eram os unicos que o preoccupavam devéras, e d'este modo os arrebatamentos da sua indole mais ardentemente transpareciam no calor que tomava nas polemicas de tal natureza.

Esses arrebatamentos e a intransigencia que manifestava em certos principios começaram a attrahir-lhe a pecha do que vulgarmente se chama *um genio insoffrido*.

De certo havia no glorioso artista uma tendencia pronunciada para o exaspero exaggerado em cousas mesmo de pequena valia, mas tambem o que se não póde contestar é que no fundo de todos esses azedumes transluzia sempre um sentimento de honestidade e de rectidao.

Na vida particular Soares dos Reis tinha iguaes exaggeros, melindres e meticulosidades que não se coadunam com o modo de vêr actual; e foram sem duvida essas preoccupações intimas que o cruciavam de instante a instante em uma tortura insoffrivel, que o arrastaram em um momento de tristissima irreflexão á horrorosa catastrophe que o precipitou no tumulo.

Era necessario viver na intimidade d'aquella existencia de artista, conhecel-o por longos annos em todas as phases da sua carreira, assistir-lhe aos momentos de alegria e consolal-o nos transes afflictivos d'uma lucta constante, ouvir-lhe os queixumes, aprofundar-lhe as intenções, estudal-o, emfim, psychicamente, para bem se comprehender aquella organisação estranha, confusa para muitos, mas clarissima para os pouquissimos a quem elle se confiava aberta e incondicionalmente.

E no meio de todos esses desabrimentos, de todas essas irascibilidades, que formosissima alma aquella!

A amizade para elle era um culto, e tão grande, que, quando a fatalidade lhe falseava uma d'essas inclinações arraigadas junto ao cavallete da escóla ou no convivio social de alguns annos, o seu coração sangrava os pezares mais dolorosos que peito humano póde sentir.

Era uma impressão moral que nunca mais se apagava do seu espirito.

Como artista, ninguem menos interesseiro, e mais licito nos seus contractos. A obra de arte nunca foi para elle uma mercadoria; e d'este modo, pondo n'ella todos os escrupulos do seu merito, muitas vezes lhe sacrificava os proprios interesses materiaes.

— Tenho obras em que ganhei menos do que um simples official de canteiro! — dizia elle na tristeza resignada de quem nunca vira entrar-lhe a opulencia pela porta aberta do modesto *atelier*, apezar de ser, como era realmente, o primeiro estatuario portuguez do presente seculo.

E foi assim que, podendo viver abastado, se o *commercio* tivesse entrado no programma das suas ambições artisticas, morreu em uma mediania que não lhe permittiu sequer deixar garantido um pedaço de pão para os filhos!

O primeiro *atelier* que Soares dos Reis teve no Porto foi na rua de Malmerendas n.° 99, onde se acha actualmente a officina de canteiro do sr. Laurentino José da Silva, seu antigo esboçador.

Foi ahi que o artista sentiu os primeiros desalentos da profissão. Sem trabalho que podesse exalçar-se-lhe o nome e sem meios para poder emprehender á sua custa obras de certo vulto, a necessidade obrigava-o á ingloria tarefa de modelar figuras para o canteiro Rato, de Lisboa e para algum outro de Porto.

Assim passava os dias entregue ao desespero que deve sentir o homem de genio que se vê acorrentado á deploravel contingencia de uma obscu-

ridade immerecida; e, por mais de uma vez, a ideia de abandonar a patria e de ir procurar no estrangeiro a actividade que o seu talento e a sua indole exigiam, lhe salteiou o espirito.

A isso porém contrapunha-se sempre um sentimento que lhe foi radicadissimo durante toda a vida dos seus progenitores: — o grande amor da familia.

Era ella o unico élo que o prendia a sua terra natal; era especialmente o encendrado affecto a sua mãe que o retinha, mau grado seu, algemado a uma existencia mesquinha e ingloria.

Assim decorreram cerca de dois annos, até que a encommenda dos dois bustos em marmore, do visconde de Tamandaré e do marquez do Herval como que lhe evidenciaram a capacidade e lhe começaram a abrir horisontes mais felizes

Evidenciaram-lhe a capacidade, digo eu, porque Soares dos Reis fôra até então quasi que um desconhecido, excepto dentro do circulo restricto dos artistas que o admiravam.

A sua obra-prima o *Desterrado*, jazia na lugubre solidão da galeria do Atheneu de D. Pedro, pouco visitada por nacionaes e muito menos ainda por estranhos.

Os dous bustos, copia de photographia, não eram de certo um trabalho proprio a pôr em relevo todas as qualidades insignes do esculptor, mas ainda assim attrahiram elles sufficientemente a attenção para se começar a fallar do seu author.

Aos dous bustos seguiram-se o *Artista na Infancia*, modelado nas horas melancolicas dos primeiros tempos, a *Saudade*, a estatua do *Conde de Ferreira* e outras obras de um merecimento tal, que a fama do estatuario perpetuou se por essas provas de uma competencia inabalavel.

Perante este leve sopro de uma prosperidade que ainda assim estava muito longe de attingir as exuberancias da riqueza, Soares dos Reis começou a antolhar a possibilidade de realisar a sua ambição de cada hora, — o possuir um *atelier* seu, o mais proximo possivel da casa de seus paes.

Escolheu terreno na rua Luiz de Camões em Villa Nova de Gaya, pediu ao seu amigo o architecto José Geraldo da Silva Sardinha, para delinear o projecto de um pequeno edificio que podesse servir-lhe ao mesmo tempo de officina e de casa de habitaçao, endividou-se um tanto para pôr em pratica o seu pensamento, e por fim o *atelier* ergueu-se e o artista installou-se n'elle com a alegria desafogada de quem se vê, emfim, em casa sua.

O *atelier* compunha-se de tres corpos interiores. O central, vasto e desafogado, para o trabalho; o da esquerda, dividido em pequenos compartimentos, para habitação; e o da direita, que nunca chegou a concluir-se, destinou-se promiscuamente a armazem, galinheiro e pombal.

Nas trazeiras, em um pedaço de terreno, Soares dos Reis dispoz um pequeno jardim em que as flores e os arbustos se entremeavam com os fructos e com os grandes pés das alcachofras, verdadeiro orgulho do artista, que tinha uma predilecçao especial por aquelle legume.

Oh! o jardim! Com que enthusiasmo e com que amor Soares dos Reis fallava d'elle, das suas flores, das suas arvores e das suas fructas ainda em embrião! Que cuidados lhe merecia esse pedaço de terra, unico desafogo nas horas de cançasso e de tédio!

Fôra elle que fizera tudo aquillo. As plantas e os arbustos enterrara-os por suas proprias mãos; os estreitos arruamentos por onde uma pessoa mal podia passar, traçára-os a sua phantasia; era elle ainda quem, ao fim de todas as tardes, se afadigava a regar aquella minuscula horta. Era uma das suas paixões a jardinagem.

E tinha bastante de pittoresco aquelle *buen retiro* da casa, na sua disposiçao caprichosa e no seu fundo dilatado, pelo qual a vista se espraiava com regalo

Defronte, o verde-negro da colina sobre cujo cimo se prolongava a muralha da antiga fortaleza da Serra do Pilar, recortando-se por detraz a silhueta da igreja e do convento. Para a direita, espraiando-se em plantações viçosas, os campos espaçosos da esplanada. Para a esquerda, a graciosa pinha das edificações da cidade do Porto; no fundo, o rio; ao longe, o mar; parallela ao quintalejo, parte da povoação de Gaya com a sua casaria e os seus bosques pequenos e compactos.

Era lindo, lindo.

A entrada para o *atelier* abria-se, pelo lado do jardim, no macisso da folhagem das trepadeiras que cobriam a parede. Era junto d'essa entrada que se viam, meio envoltas pelas heras, as pedras da interessante janella de estylo romanico, que pertencera ao velho edificio que existia na rua da Reboleira e que foi destruido para a abertura da rua da Nova Alfandega.

No seu entranhado amor pela antiguidade, nao soffrera o animo do artista que aquellas vetustas pedras, denegridas pelo perpassar de tantos seculos, e que representavam uma pura manifestação da arte da idade média, fossem occultar-se no pavimento de alguma rua ou na parede de qualquer predio.

Assim, quando a casa se demolia, comprou por alguns vintens a janella e levou-a para sua casa. Ficou d'este modo salva uma das mais bellas reliquias das opulencias architectonicas do velho burgo do Porto.

Interiormente o *atelier* nada offerecia de extraordinario. Nem luxos de decoração, nem abundancias de objectos de arte. A simples officina de

um trabalhador, para quem os unicos enthusiasmos se reduziam a observaçao artistica das fórmas correctas de um bom modêlo.

Aqui e alli um ou outro gesso, os cavallêtes em que o estatuario trabalhava, e ainda affirmando o seu amor pela archeologia, pendurados da parede, os fragmentos da copia da magnifica lapide tumular gothica, em bronze, existente no mosteiro de Leça do Bailio, e que o artista um dia moldára pelas suas proprias mãos, encantado da belleza d'aquelle precioso especimen d'arte da idade média.

O *atelier* communicava por uma porta com a casa de habitação. Uma sala de visitas, o quarto de dormir, a cosinha, e a sala de jantar. Tudo ao rez do chão e de pequenas dimensões.

Era por esses aposentos que se achavam disseminados os quadros, os desenhos, as aguarellas e os medalhões que Soares dos Reis adquirira em algumas exposições artisticas, ou que lhe haviam sido offerecidos por amigos.

Entre essas obras de arte avultavam o seu retrato, pintado por Marques de Oliveira e um outro retrato em medalhão, modelado pelo esculptor Simões de Almeida e reproduzido em bronze pela galvanoplastia.

Muitos dos quadros que ornavam as paredes comprára-os Soares dos Reis nas exposições de bellas-artes realisadas n'esta cidade. No seu amor intenso pela arte e no seu desejo persistente de animar os que trabalham, era sempre dos primeiros a adquirir, na medida dos seus parcos recursos, alguma pequena téla que ia augmentar os meritos da sua pequena galeria artistica.

A outra parte do predio opposta aos aposentos que acabo de mencionar, servia, como já tive occasião de referir, de pombal, de galinheiro e de deposito de cousas velhas, porque o artista nunca podéra obter os meios necessarios para completar essa parte da casa!

Ultimamente, o augmento da familia, suggerira-lhe a ideia de erguer mais um andar ao *atelier*, mas esse projecto Deus sabe quando chegaria a realisar-se.

Soares dos Reis desenhava como poucos e os seus conhecimentos artisticos estendiam-se tambem a architectura, tornando-o ao mesmo tempo um perito na apreciaçao da pintura

Como prova da sua aptidão em um ramo de bellas-artes que não cultivava, basta mencionar o bello projecto com que se apresentou ao concurso aberto em Lisboa para o monumento aos Restauradores, projecto que não foi adoptado, como de resto nao o fôra nenhum dos enviados, mas que ainda assim não deixou de ser imitado no burlesco obelisco que o patriotismo nacional ergueu à memoria dos heroicos defensores da independencia patria

Já fiz notar que Soares dos Reis tinha uma paixão pronunciada pela archeologia e n'este ponto os seus conhecimentos praticos eram de um valor importante.

Para o exame dos nossos velhos monumentos architectonicos que lhe proporcionavam uma admiração sincera, visitou por vezes a Batalha, Alcobaça, Evora, Coimbra, Villa da Feira, etc., enriquecendo os seus albuns com recordaçoes preciosas, algumas das quaes o artista reproduziu no jornal *A Arte Portugueza*.

Eu proprio fui-lhe companheiro enthusiasta, em digressões que fizemos a diversas localidades proximas ás Caldas de Vizella, onde abundam curiosidades artisticas de primeira ordem, da idade média, a Guimaraes, Paço de Souza, Leça do Bailio e outros sitios interessantes pelas suas recordações historicas ou pelos seus vestigios de antiguidade.

Foi em uma d'essas digressoes que se deu um episodio cuja recordação me faz ainda hoje sorrir

Tinhamos ido visitar uma igreja não longe das Caldas de Vizella e n'essa visita Soares dos Reis deparou em um velho movel desprezado a um canto, com umas pequenas ferragens que o encantaram e cuja posse lhe excitou a cubiça.

Tratou-se immediatamente de saber porque preço se poderiam conseguir as ferragens e por offerta espontanea do esculptor ficou desde logo combinado que em troca do ferro-velho o artista restauraria uma decrepita imagem que estava despresada no côro e á qual até ja faltava um braço.

Arrancaram-se as fechaduras do movel e os homens da confraria, pelo contentamento que lhes causou a generosidade do esculptor offereceram-lhe ainda como prenda, uns insignificantes ramos de couro impresso, que estavam em um altar, desbotados e cobertos de teias de aranha, e que o artista recebeu com a complacencia de quem não queria desilludir a ignorancia comesinha dos camponios.

Soares dos Reis partiu victorioso com o seu thesouro e poucos dias depois de chegar ao Porto, entrava-lhe pela porta do *atelier* a carunchosa santidade beatamente conduzida na canastra de uma lavradeira.

Soares dos Reis metteu o formão no madeiro, mas á medida que o ferro penetrava, a imagem desfazia-se!

Foi então que o artista conheceu o mau negocio que fizera. Um logro!

Teve de mandar a santa a um esculptor da especialidade, que quasi a remodelou completamente, foi devidamente pintada, e d'este modo os homens da confraria tiveram uma imagem quasi nova a troco de umas velharias que o mais que podiam valer eram cinco ou dez tostões.

E a respeito de santidades vem aqui a proposito referir, que Soares dos Reis parecia não ter a sufficiente compunção mystica para transmittir as feições de algumas imagens que modelava, esse tom divinamente angelico que fazem o enlevo das crenças do beaterio.

Esculpiu um pequeno Christo crucificado, obra-prima de sentimento e de expressão.

As duas imagens de granito que ornam a fachada da capella gothica do snr. Pestana da Silva, podem tomar-se como modelo de pureza de estylo.



Esquisso para uma edição dos «Lusiadas»

Mas outras duas imagens, em madeira, que o artista executou nos seus dias de menos fortuna, não obtiveram o exito que havia a esperar do seu immenso talento.

Uma d'ellas, um *Coração de Maria*, encommendado para uma igreja de Guimarães, foi tão mal recebida pela gente da localidade, que o esculptor teve de modificar-lhe a physionomia, procurando dar-lhe uma expressão mais em harmonia com a tradição biblica. Mas nem assim a imagem agradou. Vendida logo a outra confraria, tal peregrinação soffreu depois, que actualmente não se sabe onde pára. Provavelmente esboróa-se de caruncho no recanto de alguma sachristia minhota.

A outra imagem, que por fortuna não foi votada a identico ostracismo, mas que ainda assim parece não ter agradado completamente, é a *Senhora da Victoria*, que se venera na igreja parochial da mesma invocação, no Porto.

E essa imagem não agradou, unicamente pela sua physionomia demasiado humana e pela ausencia das convenções consagradas em personagens de tal natureza. No entretanto esse trabalho, para os olhos da arte, é uma belleza.

Estas contrariedades tinham levado Soares dos Reis ao protesto solemne de nunca mais esculpir em madeira.

Ha ainda uma outra imagem á qual se liga um episodio engraçado e que eu relato no desejo unico da exactidão d'este Perfil.

Pouco depois do artista vir do estrangeiro, alguns amigos fizeram-lhe sentir a falta que havia na igreja da freguezia onde nascera, S. Christovão de Mafamude, de um *Senhor Morto*.

Soares dos Reis fez a imagem e offereceu-a á igreja.

Como artista naturalista que era, modelou o santo martyr da Judéa com os attributos do sexo, o que foi caso para grandes espantos do beaterio da aldeia, que na sua curiosidade de devoção bisbilhoteira, perscrutára e descobrira aquelles signaes da masculinidade do divino Redemptor.

O facto deu que fallar, porque as servas do

Senhor, no seu enthusiasmo pela santa imagem, exclamavam em contricta veneraçao:

— « Esta tão perfeito o Senhor, que até nem lhe faltam as suas *santissimas partes!* »

E para que as *santissimas partes* do Christo morto, não provocassem por acaso reparos menos respeitosos de quem quer que fosse, o piedoso mulherio envolveu cuidadosamente o tronco da imagem com tal quantidade de toalhas e rendas, que da nudez cadaverica do desfallecido corpo, pouco mais se ficou vendo do que a cabeça e os pés.

Soares dos Reis entrou para o corpo docente da Academia Portuense de Bellas-Artes, de que já era academico de merito, em 1881.

A sua entrada porém nem foi espontanea nem impellida pela melhor vontade.

Pedidos reiterados e insistencias persistentes é que o forçaram a ir reger a cadeira de esculptura, mediante concurso.

Não era o horror ao ensino que o levava a afastar-se d'aquelle estabelecimento, mas sim, por um lado, a falta de tempo que então ja lhe era todo indispensavel para os trabalhos de que se achava encarregado, e pelo outro o presentimento da lucta que por vezes teria de travar com a maioria dos seus collegas na Academia, e d'ahi a série de desgostos a que essa lucta daria causa.

E taes presentimentos eram bem justificados.

Os conflitos de opiniao repetiam-se entre o novo e os antigos professores; e essas controversias ao passo que mais exacerbavam a bilis de Soares dos Reis, collocavam-o perante os seus collegas em uma situação extranha e pouco invejavel.

Por vezes e apesar das suas melhores intenções, não poderam ser appoiadas pela Academia propostas que apresentou.

As questões de ensino eram sobre todas, as que mais preoccupavam o artista. Considerava sobremodo antiquadas as velhas formulas escholares da Academia, e toda a sua tenacidade se dirigia a reformar o systema que alli estava implantado

O seu projecto de *Reforma do ensino da esculptura na Academia Portuense de Bellas-Artes,* que corre impresso e que fôra regeitado em uma das sessões do conselho da mesma Academia é uma prova clarissima do espirito esclarecido do author e do seu vehemente desejo de que o talento nunca estivesse acorrentado por prasos regulamentares a um trabalho que estiolasse as manifestações de habilidade de qualquer alumno.

Deixar-lhe bem livre o campo do estudo e permittir-lhe que em tres ou quatro annos, em vez de cinco, podesse completar a sua educação artistica se as provas definitivas da sua aptidão justificassem esse encurtamento, eis o alvo a que miravam as aspirações do mestre.

Apesar das contrariedades successivas que desgostavam o artista como membro da Academia e que, n'outro qualquer, seriam o bastante para o affastar do ensino ou tornal-o um indifferente, Soares dos Reis prestou aquelle estabelecimento serviços que não devem esquecer se.

Um d elles foi a construcção da nova aula de esculptura, devida principalmente ás suas persistentes instancias particulares junto do então presidente da camara o snr. conselheiro Correia de Barros.

O outro foi a instituição de um premio annual para o curso de architectura, premio que conserva o seu nome.

O fundo para esse premio proveio de uma gratificação que foi dada ao artista pela execução de um trabalho para um amigo. O seu desinteresse e a sua liberalidade não permittiram que destinasse a proveito proprio uma quantia que recebera como recompensa de uma obra que se obrigára a fazer gratuitamente, e assim destinou-a a um premio de emulação para os alumnos architectos.

A par d'estes incentivos officiaes, Soares dos Reis promovia particularmente e, por todos os meios ao seu alcance, o desenvolvimento das artes e foi assim, por exemplo, que se tornou o principal instituidor do *Centro Artistico Portuense,* agremiação que tem por fim não só aproximar os artistas por meio de um convivio quotidiano, mas tambem proporcionar-lhes o estudo do desenho pelo modelo vivo.

Soares dos Reis foi por muito tempo a alma enthusiastica d'esse gremio e, quando este tratou de publicar o periodico artistico *A Arte Portugueza,* foi ainda o desinteressado estatuario que suppriu bizarramente a deficiencia de meios com que aquella publicaçao luctou durante a sua existencia

Além d'isso por muitas vezes procurou attrahir ao seu *atelier* alguma vocação promettedora, promptificando-se a ministrar um ensino tão cuidadoso que tornasse um dia o alumno um esculptor de merecimento, mas por infelicidade os seus bons desejos nunca tiveram um resultado efficaz pela falta de quem quizesse aproveitar-lhe a boa vontade e a dedicação.

Soares dos Reis era extremamente modesto e nunca quizera fazer alarde do seu merito.

O seguinte facto prova-o exuberantemente.

Em 1881 realisou-se em Madrid uma exposição de bellas-artes, em que se exhibia, na secçao de esculptura, a magnifica estatua o *Desterrado.*

Achava-me então eu com o artista n'aquella capital e sendo natural que elle, não só como expositor, mas até como author da melhor obra em esculptura que alli se patenteava e que por isso mesmo mereceu a elevada distincção de uma medalha de ouro e a honra do grau de cavalleiro da

Ordem de Carlos III para o estatuario, procurando obter não só um bilhete de entrada ao acto inaugural, realisado pelo rei Affonso XII e mesmo travar conhecimento com os seus collegas hespanhoes. Soares dos Reis lá esteve na exposição, mas como o ultimo dos desconhecidos, não se aproveitando em nada das regalias que lhe podiam proporcionar n'esse momento as mais sympathicas relações.

A proposito da condecoração que lhe foi concedida pelo governo hespanhol, como premio ao merito da estatua o *Desterrado*, devo ainda mencionar que Soares dos Reis nunca a usou. A sua severidade de principios não lhe permittia ligar a menor importancia a esses galardões officiaes.

produzem muitas vezes a individualidade, obrigado a adivinhar n'ellas as minuciosidades que o lapis do retocador eliminara, Soares dos Reis sacrificava a sua paciencia e a sua arte a essas obras, nenhuma das quaes parecia satisfazel-o completamente.

E no entretanto, que prodigiosa similhança em bustos como os de Pinto Bessa, Emilia das Neves e Fontes Pereira de Mello!

Referi acima que o futuro se apresentava para o artista mais feliz e desanuviado, graças ás encommendas que lhe haviam sido feitas.

O illustre medico lisbonense dr. Rebello da Silva, que tinha pelo talento de Soares dos Reis a mais enthusiastica admiração, encarregara-o da



(Aspecto de «Capri»)

Uma das aspirações do artista foi fazer uma estatua que formasse *pendant* com o *Desterrado* e modelar ainda uma outra representando o glorioso architecto do mosteiro da Batalha.

Os seus parcos meios, porém, e ainda os trabalhos que teve de executar, nunca lhe permittiram realisar esses desejos.

Preso ás encommendas que nos ultimos tempos da sua vida iam augmentando de modo a proporcionar-lhe um futuro mais desafogado, havia comtudo um genero de trabalho a que o estatuario quasi que se submettia só por necessidade. Era o de retratos copiados de photographia.

Durante a elaboração d'esses modêlos o artista como que se via em uma constante tortura, pelo seu esforço em reproduzir com fidelidade as feições do retratado.

Photographias quasi sempre retocadas, nas quaes desapparecem os traços caracteristicos que

execução de trabalhos em marmore, que levariam seguramente uns cinco annos a concluir.

Entre essas obras contava-se uma estatua de Judith, em que o esculptor já pensava com o fervor de quem via n'esse trabalho uma livre expansão á sua imaginativa artistica.

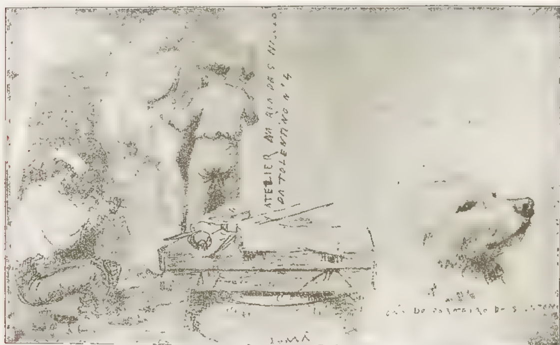
Fôra para o mesmo cavalheiro que Soares dos Reis desenhára o projecto de um movel, cuja cópia vae publicada n'esta obra, como o vão igualmente muitas outras de *croquis* que o artista lançava á sua carteira, quer nas excursões pelos campos de Roma, quer na tranquillidade do seu *atelier* n'aquella capital, onde os desbastadores da sua estatua o *Desterrado*, por exemplo, lhe davam assumpto para um esboceto memorativo.

Esta paixão pelo *croquis* esteve um dia para lhe ser bem fatal, tendo-lhe por fortuna custado apenas algumas más horas de calabouço e o susto de uma detenção imprevista.

XXX

Eis o caso.

Havia-se declarado a guerra entre a França e a Prussia e perante a perspectiva pouco serena de uma lucta que agitaria toda a paz, Soares dos Reis preparou-se para regressar á patria.



(O atelier do artista em Roma)

Chegado a Bayonne, o aspecto das muralhas das fortalezas que rodeiam a cidade, seduziu-o pelo pittoresco e desejando conservar a lembrança d'aquella perspectiva, tirou a carteira do bolso, pegou no lapis, e na tranquillidade de *touriste* de bom gosto, começou a desenhar as silhouetes que o haviam impressionado

Terminado o esboceto dirigiu-se ao hotel muito satisfeito pelo bom emprego que dera áquella hora de repouso, seguiu depois para a estação do caminho de ferro, e mal transpunha a porta da *gare*, quando se sentiu agarrado pela mão vigorosa de um policia que o intimava a acompanhal-o.

Imagine-se a surpreza do artista. Berrou que era um esculptor, que vinha de Pariz, que se dirigia para a sua patria, que trazia os seus papeis em ordem, que lhe causava um desarranjo dos diabos o perder o comboyo, porque a familia o esperava em dia fixo, emfim apresentou todas as razões proprias a convencerem a cabeça mais rija, mas que não persuadiram de modo algum o severo agente da authoridade, que teve por ultima resposta o — ande lá para diante — inexoravel e carrancudo do tectrico policia da *Filha da snr.ª Angot*

A *mairie* não era longe. Ahi interrogatorio formal.

Que estava elle, um estrangeiro, a fazer, rabiscando n'um papel defronte das muralhas? para que lhe serviam essas notas? Que respondesse, que se explicasse.

Respondeu e explicou que era artista, que vinha de Pariz, que ia para a sua terra, que de passagem em Bayonne pozera-se a desenhar por distracção uma vista das fortalezas, emfim que para provar a sua identidade alli tinha o passaporte, que tiraria todas as duvidas.

Sorriso de descrença do *maire*. Venha de lá o passaporte. Confrontam se os signaes do documento com os do apresentante e resulta contradizerem-se do modo mais formal.

Não ha duvida. O que elle vinha a ser era um espião prussiano que viera a Bayonne para tirar uma planta das fortalezas. Escusava negar. A policia vira-o a desenhar, não o largára de olho e os factos confirmavam agora as suspeitas.

Para a cadeia. Reunir-se-ia o conselho de guerra e o menos que lhe poderia succeder era fusilarem-o.

Mas isto é inaudito, clamava Soares dos Reis no auge do desespero e como que sentindo ja o zunido das balas em volta da cabeça. Sem duvida no consulado tinham-se enganado na descripção da sua pessoa. Houvera precipitação ou o quer que fosse. Que telegraphassem ao ministro portuguez em Pariz e veriam se o que dizia era verdade ou não. Não estava má chalaça o tomarem-o por espião prussiano e quererem dar-lhe cabo da

pelle, a elle, um homem inoffensivo, portuguez, artista, e tal sim senhores.

Pois seria certo tudo isso, mas no emtanto que fosse marchando para o calabouço até se pôrem as cousas a claro

E Soares dos Reis lá foi para a cadeia, onde passou uma d'essas noutes horrorosas, povoadas de sonhos maus, em que não se viam senão phantasmas ensanguentados e pelotões de soldados de espingarda em pontaria, e nao se ouviam senao gritos de dôr e estrondos de fuzilaria.

Por felicidade as respostas aos telegrammas expedidos para Pariz confirmaram as declarações do artista e este viu-se emfim livre, mettendo se depois no comboyo com o proposito formal de nunca mais se entreter a desenhar fortalezas, fosse onde fosse.

E este episodio tao profundamente ficou gravado na sua imaginação, tal foi o susto que elle lhe causou, que passados annos, achando-nos ambos de passagem na mesma cidade, Soares dos Reis pedia-me insistentemente que caminhassemos, quando me via parar para vêr as muralhas, receioso de que um novo policia nos deitasse a mão por suspeitas e nos encatrafiasse no tenebroso carcere.

Com relação ao seu desejo de alargar quanto possivel os conhecimentos d'aquelles que se dedi-



(Estudo do curso de archeologia)



(Estudos para a estatua de Brotero)

cavam ás bellas-artes, estabelecera Soares dos Reis no seu *atelier* um curso de archeologia, em que se estudavam pelo manequim, pannejamentos representando os antigos trages gregos e romanos.

A esses cursos assistiam ordinariamente Henrique Pouzão, Souza Pinto, Aguillar, Aguiar dos Santos, Custodio da Rocha, Torquato Pinheiro, Marques Guimarães, Pacheco e Thomaz Soller; e nos intervallos da sessao alegrava de vez em quando os collegas com as facecias do seu homorismo inexgotavel.

E no meio de todas estas occupações sérias, a que dedicava toda a força da sua boa vontade e todos os recursos da sua intelligencia, Soares dos Reis tinha por vezes distracções verdadeiramente infantis em que se desentranhava em jubilos de creança.

Assim, por exemplo, em dias de vento rijo, antes de começar o curso de archeologia, mestre e discipulos vinham para o quintal; e ahi Soares dos Reis punha toda a sua pericia e toda a sua habilidade dos tempos de rapaz na complicada operação de lançar aos ares uma grande estrella de panno, que elle proprio fizera e que exhibia com o contentamento de quem sabia d'aquillo alguma cousa

Era entao uma risota geral com os episodios da ascenção e com os desesperos injustificados do mestre.

Que bellos tempos esses!...

Entre os *croquis* que se publicam n'este album, figuram alguns dos notaveis desenhos que Soares dos Reis fez para serem gravados em madeira para uma edição dos Luziadas.

Infelizmente a gravura tirou todo o mereci-

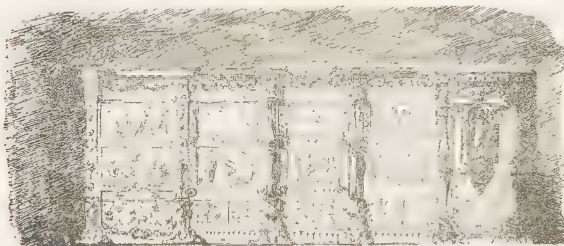
mento as bellezas d'esses desenhos, pela impericia com que foi feita, e que quasi desfigurou essas obras primas.

O periodico o *Occidente*, teve tambem por vezes a collaboração artistica de Soares dos Reis. Na sua collecção encontram-se, além de outros, varios desenhos representando o aspecto de algumas enchentes do Douro, o desastre dos Guindaes, etc.

Nos ultimos annos da sua vida Soares dos Reis fôra acommettido de uma doença grave, que o pozera ás portas da eternidade. Foi longa e melindrosa a convalescença e não obstante todos os cuidados da medicina a cura completa d'essa molestia nunca se realisou. No emtanto o restabelecimento ia-se operando de fórma ao artista poder voltar á assiduidade do trabalho.

Depois d'esse periodo doloroso, durante o qual por vezes chegou a descrer-se da salvação do enfermo, é que se realisou o consorcio de Soares dos Reis.

D'esse consorcio ficaram dous filhos.



(Projecto d'um movel para o dr. Rebello da Silva)

Sabe-se as circumstancias tragicas em que morreu o glorioso artista. A noticia d'essa grande desgraça consternou o paiz e surprehendeu os proprios amigos.

Ninguem esperava que aquella existencia se sumisse tao rapida e fatalmente nas voragens do tumulo!

Felizmente que para a sua memoria, não ha um unico acto na vida do egregio estatuario que a empanne ou a deslustre.

Soares dos Reis foi um homem honradissimo e um artista insigne! Eis o epitaphio que se póde inscrever na lousa do seu sepulchro



(Rosacea da igreja de S. Francisco)



ATELIER DE SOARES DOS REIS



A FACHADA DO ATELIER



D. AMELIA DE MACEDO



JOAQUIM DE PINHO



O QUARTO DE DORMIR



A SALA DE JANTAR DO ESTATUARIO



AUGUSTO CANDIDO RAMOS



GABINETE DE ESTUDO



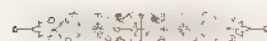
A ESPOSA E FILHO DO ARTISTA



O JARDIM DO ATELIER

PRODUCÇÕES

(ESBOÇO DESCRIPTIVO)



O DESTERRADO (1872)

Estatua em marmore de Carrára, de 1m,80. Foi principiada em Roma e pertence á Academia Portuense de Bellas-Artes, como a ultima remessa do artista na qualidade de pensionario do Estado no estrangeiro. Alcançou na Exposição de Bellas-Artes de Madrid em 1881 a medalha de ouro, sendo além d'isso o seu author agraciado com o grau de cavalleiro da ordem de Carlos III

O *Desterrado* é sem duvida o trabalho capital de Soares dos Reis. A firmeza da modelaçao, a correcçao do desenho e a expressão melancolica que rescende de toda a figura, fazem-na considerar como uma verdadeira obra prima.

VISCONDE DE TAMANDARÉ E MARQUEZ DO HERVAL (1874)

Bustos em marmore de Carrára, pertencentes ao Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro.

Copiados de photographia, esses dous bustos foram os primeiros que o artista executou em Portugal, depois do seu regresso do estrangeiro. Distinguem-se pela similhança e pela delicadeza de certos pormenores.



O ARTISTA NA INFANCIA (1874)

Estatua em marmore de Carrara. Pertence á sr.ª Duqueza de Palmella. Foi exhibida na Exposiçao Universal de Paris em 1878, na triennal do Porto em 1874 e na Sociedade Promotora, de Lisboa, em 1875. O modelo pertence á familia do artista.

É uma graciosa figura de rapazinho, nú, sentado sobre uma pedra, na qual rabisca uma garatuja. Satisfeito com a sua obra, a physionomia expande se-lhe em um sorriso de contentamento.

Encantadora esta estatua, pela naturalidade da attitude, rigor das fórmas e belleza do gesto.

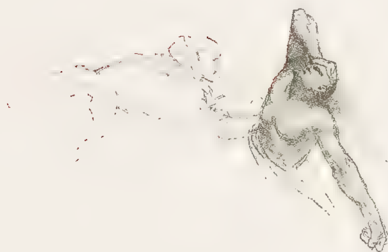
CABEÇA DE NEGRO (1874)

Cabeça em marmore de Carrára, pertencente á familia do finado Francisco de Oliveira Chamiço. O modelo existe no Muzeu das Janellas Verdes, em Lisboa. Foi exhibido em varias Exposições portuguezas.

A SAUDADE (1875)

Estatua em marmore de Carrara, pertencente a familia do fallecido Francisco de Oliveira Chamiço. O modelo pertence á familia do artista.





Notavel pela suave expressão da physionomia em que se presente esse «gôsto amargo» de que falla Garrett, a *Saudade* destaca-se ainda pela magnifica disposição das roupas, uma simples tunica grega. E além d'isso um prodigio de execução.

CONDE DE FERREIRA (1876)

Estatua colossal em marmore de Carrára, que sobrepuja o monumento erguido, no cemiterio privativo da Trindade, em Agramonte, a este benemerito titular.

O modelo existe no Atheneu de D. Pedro, em S. Lazaro. A altura da estatua é de $2^m,80$.

Constitue tambem esta estatua uma das obras notaveis do esculptor. A figura pousa naturalmente, é nobre o seu aspecto, harmonicas as suas linhas e irreprehensivel a similhança.

DOMINGOS D'ALMEIDA RIBEIRO (1876)

Busto em marmore de Carrára, de $0^m,70$. O modelo pertence a Academia Portuense de Bellas-Artes e acha-se igualmente exposto no Atheneu de D. Pedro.

É surprehendente este trabalho como retrato e como belleza de modelação. Foi exhibido na Exposição Universal de Paris, em 1878, na 12.ª triennal do Porto e na da Sociedade Promotora, de Lisboa, em 1875.

CHRISTO AGONISANTE (1877)

Trabalho em madeira pertencente ao sr. José Bento Ramos Pereira e o modelo em gesso ao sr. Joaquim de Pinho.

O soffrimento de uma tortura atroz, supportado com a paciencia divina de um martyr santissimo, eis o que exprime essa imagem, exangue, suspensa do madeiro que se tornou o symbolo da Fé.

FRANCISCO PINTO BESSA (1879)

Busto em marmore de Carrára, pertencente á Camara Municipal do Porto e que se acha collocado na sala das suas sessões.

E' de uma fidelidade surprehendente este retrato.

S. JOSÉ E S. JOAQUIM (1880)

Estatuas em granito collocadas na fachada da capella ogival do sr. José Joaquim Guimarães Pestana da Silva, na rua do Almada, Porto. Os modelos pertencem á Academia Portuense de Bellas-Artes, achando-se expostos no Atheneu de D. Pedro

Estas duas estatuas gothicas recommendam-se especialmente pela pureza do estylo.

APOLLO EM CARRO TIRADO POR CAVALLOS (1880)

Baixo-relevo circular que ornamenta o tecto de uma das salas da casa do sr. Joaquim Teixeira de Campos, em Santo Ovidio, Villa Nova de Gaya.

ORNATO COM FIGURAS DE CREANÇA, EM MEIO CORPO (1880)

Ornamenta do mesmo modo um tecto da casa do sr. A. José da Silva, em Villa Nova de Gaya.



CAMÕES (1880)

Busto colossal em gesso, feito expressamente em quatro dias e quatro noites, para as festas do centenario do poeta. Collaborou n'esse trabalho, que pertence ao Centro Artistico Portuense, Marques Guimarães, discipulo do esculptor.

Existe um outro exemplar no Atheneu Commercial do Porto.

FLOR AGRESTE (1881)

Busto em marmore de Carrára de $0^m,50$, pertencente ao sr. Nuno de Carvalho. O modelo é propriedade da sr.ª D. Amelia de Macedo, viuva do sr. Diogo de Macedo.

Uma encantadora cabecinha de rapariga do povo, cobrindo-lhe os hombros uma camisa andrajosa.

Foi patenteado este busto na Exposição do Centro Artistico Portuense, em 1881.

NARCIZO (1881)

Estatua em gesso, de 1^m, prova do concurso para o lugar de professor de esculptura na Academia Portuense de Bellas-Artes.

A MORTE DE ADONIS (1881)

Baixo-relevo (esboceto), para prova do mesmo concurso

JOAQUIM PINTO LEITE (1881)

Busto em gesso, pertencente ao Centro Artistico Portuense.

Apesar das grandes qualidades que assignalam este retrato, foi elle recusado pelo filho do retratado, que o mandára executar.

O Centro Artistico, porém, orgulha-se fundadamente de possuir este bello trabalho.



MARQUES DE OLIVEIRA (1881)

Busto em gesso, pertencente ao retratado.

Como todos os trabalhos feitos do natural, este busto é irreprehensivel de similhança e correcção de desenho.

RETRATO, EM CORPO INTEIRO, DA FILHA DOS CONDES DE ALMEDINA (1883)

Pertence aos condes de Almedina e o modelo á familia do artista.

A encantadora creança olha para uma flôr, que tem na mão; e tanto a attitude, como a similhança e ainda as minudencias das roupas cobertas de rendas, fazem considerar este trabalho como um primor

O ABANDONADO (1883)

Estatua em gesso côr de rosa, pertencente ao sr. Victorino Mesquita. Foi expressamente modelada para o Bazar promovido pelo Centro Artistico Portuense em favor da viuva e filhos do architecto Soller.

Delicadissima esta creança, tiritando de frio sob os farrapos de uma camisa que mal a cobre.

FRANCISCO DE ALMADA E MENDONÇA (1883)

Busto colossal em bronze, erigido por subscripção particular no cemiterio do Prado do Repouso. O modelo pertence ao padre Alexandre Pinheiro, iniciador d'essa subscripção.

A figura energica do prestante corregedor do Porto exhibe-se em toda a pujança do seu caracter severo. O busto foi copiado do retrato que existe nos Paços do Concelho.

JOSÉ AUGUSTO CORREIA DE BARROS (1884)

Busto em gesso, de notavel similhança, para ser executado em marmore para a casa da Creche, na freguezia de Cedofeita.

O modelo pertence por emquanto á familia do artista.

CONSELHEIRO HINTZE RIBEIRO (1884)

Busto em marmore de Carrára existente no edificio da Associação Commercial do Porto, á qual pertence.

O modelo é propriedade da familia do artista.

É um trabalho admiravel.

VISCONDESSA DE MOSER (1884)

Busto em marmore de Carrára pertencente ao sr. conde de Moser (Henrique).

É considerado como um dos bustos mais notaveis de Soares dos Reis, quer pela similhança, quer pelo seu caracter eminentemente artistico.

EMILIA DAS NEVES (1885)

Busto em marmore de Carrára pertencente ao theatro de D. Maria, em Lisboa, onde existe.

O modelo pertence a um admirador da insigne artista.

D. AMELIA DE MACEDO (1885)

Retrato em medalhão, em gesso, de $0^{m},3$.

JOAQUIM DE PINHO.—DR. FRANCISCO FERNANDES DOURADO E DIOGO DE MACEDO (1885)

Retratos em medalhão, em gesso.

RETRATO DA ESPOSA DO FINADO COMMERCIANTE JOAQUIM PINTO LEITE

Busto em gesso que estava para ser executado em marmore, quando o artista falleceu.

AUGUSTO LEITE RAMOS (1886)

Retrato em medalhão, em gesso.

MISTRESS ELIZA SECCH

Busto em marmore de Carrara que o artista estava concluindo, quando morreu. Foi principiado em Lisboa, em 1888.

D. AFFONSO HENRIQUES (1887)

Estatua colossal em bronze, de $2^{m},90$, existente no monumento erguido pela cidade de Guimarães ao inclito monarcha portuguez.

Na modelação d'esta estatua collaboraram os discipulos do artista, Marques Guimarães e Souza Neves.

Comquanto de uma posição um tanto academica, esta estatua é verdadeiramente monumental pela sua nobreza e energia.

Os pormenores da armadura, roupagens, etc., são de um rigor palpitante, podendo servir de lição proveitosa a todos os que se dedicam á archeologia artistica.

LEANDRO BRAGA (1888)

Medalhão em bronze, de $0^{m},4$.

DOUTOR FELIX DE AVELLAR BROTERO (1888)

Estatua colossal em marmore, de $1^{m},80$, existente no monumento erigido ao sabio professor no Jardim Botanico de Coimbra.

Brotero está sentado, revestido com os trajes universitarios e tendo em uma das mãos a borla doutoral.

O retrato foi copiado de uma má lythographia que existe.

FONTES PEREIRA DE MELLO (1889)

Busto em bronze pertencente á Associação Commercial do Porto, onde existe.

O modelo estava por concluir, dando-lhe o artista os ultimos toques quando morreu.

Devia ser reproduzido em marmore, mas a Associação, respeitando o trabalho do estatuario, mandou-o fundir tal qual o artista o deixou.

Além d'estes trabalhos ha ainda do mesmo artista:

Em gesso:

Varios modelos de estatuas executados para os canteiros os srs. Antonio Moreira Rato, de Lisboa, e Laurentino, do Porto.

Em madeira.

CHRISTO MORTO

Deitado, existente na igreja de S. Christovao de Mafamude, em Villa Nova de Gaya.

SENHORA DA VICTORIA

Existente na igreja parochial da mesma invocação, no Porto.

SENHORA DAS DORES, DE ROCA

Existente na igreja de S. Francisco de Guimarães.

CORAÇÃO DE MARIA

Feito para um templo da mesma cidade, mas ignora-se onde exista actualmente.

São tambem de Soares dos Reis, os medalhoes em gesso que se vêem na cupula da escada principal do edificio da Bolsa, no Porto.

Em pintura:

A nimpha do crocodilo, esboceto a oleo. Pertence ao sr. Simoes d'Almeida.

Esboço a oleo. Pertence ao sr. Francisco Baptista dos Santos.

Retrato, a oleo, do architecto lisbonense, Gaspar.

Uma paizagem a oleo. Pertence ao mesmo.

A morte de Cezar, esboceto a oleo. Pertence ao sr. Leandro Braga.

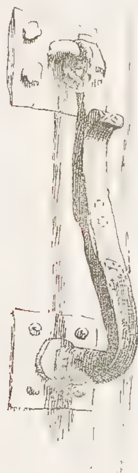
Em desenho:

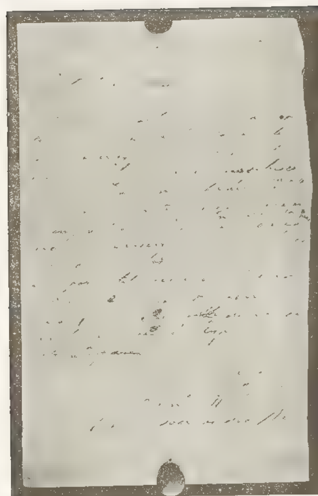
Projecto de um monumento aos Restauradores, em Lisboa.

Retrato de Simoes d'Almeida. Pertence ao sr. José Queiroz.

Dous desenhos, um do antigo e outro do nú, tendo este ultimo obtido uma 3.ª medalha na Escola de Bellas-Artes, de Paris.

Manoel M. Rodrigues.







O DESTERRADO



A ARTE NA INFANCIA



CABEÇA DE NEGRO



A SAUDADE



CONDE DE FERREIRA



DOMINGOS DE ALMEIDA RIBEIRO



S. JOAQUIM



S. JOSE



CHRISTO AGONISANTE



LUIZ DE CAMÕES



FLOR AGRESTE



NARCIZO



NYMPHA DO CROCODILO



A MORTE DE ADONIS



JOAQUIM PINTO LEITE



MERCURIO



RETRATO



MARQUES D'OLIVEIRA



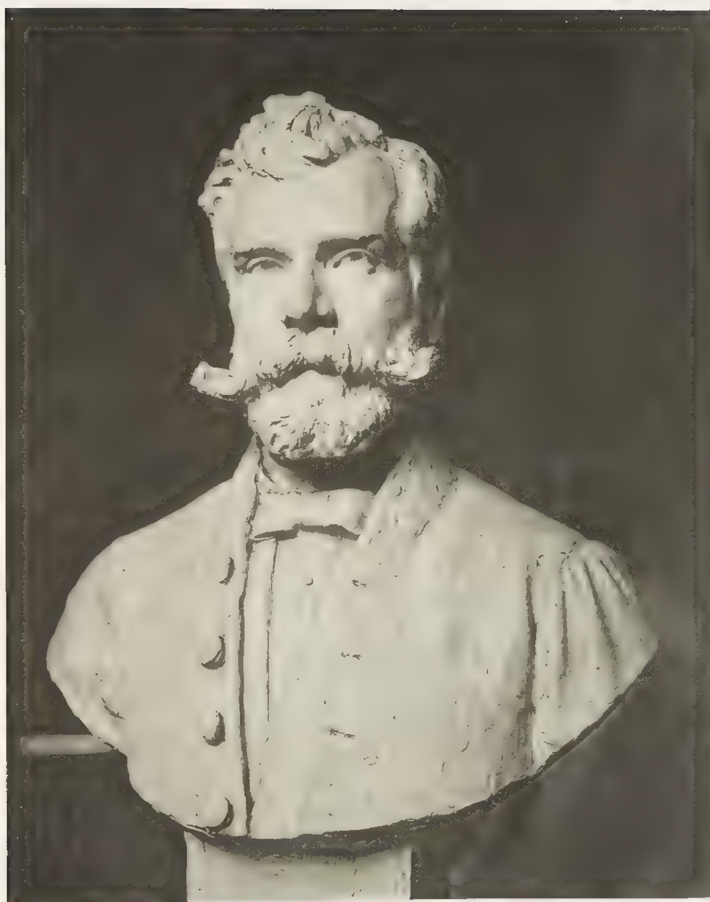
A FILHA DOS CONDES DE ALMEDINA



O ABANDONADO



FRANCISCO DE ALMADA E MENDONÇA



CORREIA DE BARROS



HINTZE RIBEIRO



VISCONDESSA DE MOSER



EMILIA DAS NEVES



DIOGO DE MACEDO



MRS. ELIZA LEECH



D. AFFONSO HENRIQUES



SIMÕES D'ALMEIDA



LEANDRO BRAGA



DR. FELIX DE AVELLAR BROTERO



FONTES PEREIRA DE MELLO



PERFIL

ANTONIO SOARES DOS REIS

filho de Manoel Soares dos Reis e de Rita Soares dos Reis

N. em Mafamude (Gaia) a 14 de outubro de 1847,

† na mesma freguesia a 16 de fevereiro de 1889.

O Centro Artistico Portuense cumpre um justissimo dever agradecendo ao sr. J. da Costa Carregal a valiosa e eminente cooperação que prestou a esta obra gratuitamente impressa na sua esmerada officina. Sem essa cooperação, assignalada com uma vontade inexcedivel e com uma pontualidade exemplarissima, este emprehendimento teria sido difficultoso, quando não fosse frustrado. Por tão incomparaveis serviços receba o bello artista e sincero amigo de Soares dos Reis as calorosas protestações do mais vivo e indelevel reconhecimento.

Collaborando poderosamente n'esta obra, com um zelo que é para ser imitado mas que não póde ser excedido, o abalisado escriptor Manoel Maria Rodrigues, ex-vice-Presidente d'este Centro Artistico e intimo amigo de Soares dos Reis, merece as mais intensas congratulações e os mais perduraveis agradecimentos. Pelo seu trabalho primoroso, pelo seu desinteresse brilhante e pela sua dedicação provadissima aqui lhe consigna uma fervorosa e solemne homenagem publica

O Centro Artistico Portuense.




GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00044 7439

